

Músicas cantadas por Diana na década de 1970: o (im)possível discurso de uma (nova) mulher!

Adenisi Mendonça Santana (IC), Micaela Cristina Moreira (IC), Valéria Paes de Sousa (IC),
Karine Rios de Oliveira Leite (PQ), Thiago André Rodrigues Leite (PQ)*

PIBIC-EM
Câmpus Jataí
*thiago.leite@ifg.edu.br

Palavras-chave: Música; Mulher; Discurso; Contradição.

Introdução

Na década de 1970, há mulheres compositoras e/ou cantoras vinculadas (in)diretamente aos ideais do movimento feminista. As músicas cantadas por Diana em seu álbum homônimo de 1972 parecem projetar uma mulher que anseia ser livre, autônoma, empoderada e independente, mas que ainda se mostra submissa ao homem, dando-lhe lugar de grande imprescindibilidade na vida. Neste trabalho, objetivamos investigar possíveis (ir)regularidades discursivas nas músicas cantadas por Diana no disco “Diana (1972)”, o qual é a nossa materialidade discursiva. Assim, a partir dessas músicas, uma possível compreensão discursiva acerca de uma (nova) mulher configura-se como nossa justificativa. Como aporte teórico, pautamo-nos, por exemplo, em hooks (2018), para quem o feminismo procura acabar com a pretensa superioridade do homem sobre a mulher.

Metodologia

Temos como respaldo teórico-metodológico a Análise de Discurso (AD), baseada nas teorizações de Orlandi (2005). Partimos da noção de discurso que articula presente e passado: o aqui e o agora, e a memória discursiva, que não é memória relacionada a lembranças, mas, sim, de configuração dos sentidos sociais. A partir da nossa materialidade discursiva, construímos dois sujeitos discursivos: “sujeito que ama” (uma representação acerca da mulher) e “sujeito amado” (uma representação acerca do homem). Esses sujeitos discursivos configuram-se como nossas categorias de análise.

Resultados e Discussão

Nosso interesse de análise diz respeito às possíveis (ir)regularidades discursivas que emergem nas músicas cantadas por Diana no álbum “Diana (1972)”, pensando as contradições discursivas do “sujeito que ama”, uma (nova) mulher. Partindo da materialidade discursiva das músicas desse álbum, construímos que a regularidade discursiva do “sujeito que ama” recai sobre o seu sentimento de culpa pelo fato de o relacionamento com um

possível homem, “sujeito amado”, não ter dado certo. O ser mulher se culpa, possivelmente, porque ainda está entranhado em relações de dependência, havendo um “endeusamento” do ser homem. Em outras palavras, o homem é fortemente “endeusado” nas letras das músicas do álbum em questão, reforçando a cultura patriarcal. No entanto, é possível percebermos alguns pequenos pontos de rompimento com a estrutura patriarcal, por isso a ideia do discurso de uma nova mulher. Dito de outro modo, algo embrionário sobre esse rompimento pode ser vislumbrando nas letras analisadas, ainda que timidamente.

Conclusões

Problematizamos que o fato de as composições do álbum “Diana (1972)” serem todas feitas por homens (e cantadas por Diana) indicia um efeito de possível comportamento machista de atribuir à mulher, necessariamente, o lugar do “sujeito que ama”, e, ao mesmo tempo, ao homem o lugar do “sujeito amado”, perpetuando a idolatria, o “endeusamento”, como se fosse superior a ela, característica do funcionamento do sistema patriarcal. Entretanto, neste trabalho, procuramos, discursivamente, trazer à tona certo perfil de mulher em (re)construção, de modo que a irregularidade discursiva construída por nós parece revelar uma luta tímida e singela, mas importante, contra a submissão de si, contra o machismo, contra o sexismo e contra o patriarcado.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq o financiamento deste trabalho de Iniciação Científica (IC).

Referências

- Diana (LP)*. São Paulo: CBS, 1972. (Raul Seixas)
HOOKS, b. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrematadoras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, mai./ago., 2004, p. 35-50.